ILUSTRAÇÃO E ARTES GRÁFICAS

Periódicos da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco {1875-1939}

Blucher

ILUSTRAÇÃO E ARTES GRÁFICAS

Periódicos da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco {1875-1939}

Blucher

Ilustração e artes gráficas – periódicos da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco (1875-1939)

© 2014 Sebastião Cavalcante
Silvio Barreto Campello

Editora Edgard Blücher Ltda.

PESQUISA E TEXTOS
Sebastião Antunes Cavalcante
Silvio Romero Botelho Barreto Campello

REGISTRO FOTOGRÁFICO
Sebastião Antunes Cavalcante

ASSISTÊNCIA DE PESQUISA
Bruno Aroucha

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Matheus Barbosa
Sebastião Antunes Cavalcante

TRATAMENTO DE IMAGEM
Sebastião Antunes Cavalcante
Demóstenes Coelho

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Sandro Lins Rodrigues

REVISÃO DE TEXTO
Malthus de Queiroz
Catarina Santos de Queiroz
Jonatas Eliakim

ASSESSORIA DE IMPRENSA
Lula Portela - Verbo Assessoria

IMPRESSÃO
Gráfica FacForm

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-012 – São Paulo – SP – Brasil
Tel 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 5ª ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios, sem autorização escrita da Editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Cavalcante, Sebastião Antunes
Ilustração e artes gráficas: periódicos da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco {1875–1939} / Sebastião Antunes Cavalcante, Silvio Romero Botelho Barreto Campello. - São Paulo: Blucher, 2014.
120 p.; il. color.

Bibliografia
ISBN 978-85-212-0869-3

1. Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco - Periódicos ilustrados 2. Artes gráficas – Brasil – História 3. Periódicos – Ilustrações 4. Ilustração brasileira (revistas) 5. Imprensa – Brasil – História I. Título II. Campello, Silvio Romero Botelho Barreto

14-0609 CDD 760.0981

Índices para catálogo sistemático:
1. Artes gráficas – Brasil – História

Agradecemos imensamente ao *Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura* (Funcultura), sem o qual esta publicação não seria possível. A toda a dedicada equipe da *Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco*. Em especial à professora Lúcia Roberta Guedes Alcoforado, e às bibliotecárias Maria Lúcia Bezerra Ferreira e Poliana do Nascimento Silva. A Luciene Pontes, aos bolsistas das diversas etapas da pesquisa ICP, a Isabella Aragão, Solange Coutinho e Hans Waechter, a Marcos da Costa Braga, ao CNPq e a Capes. A Matheus Barbosa, Bruno Aroucha, Fátima Finizola, Cecília Pessoa, Zé Cahuê, Luiz Santos, Wilton de Souza, Eduardo Souza e Betânia Araújo, Rita Araújo, Henrique Nardi, Sandro Lins Rodrigues, Isabela Stampanoni, Sérgio Semião, Lula Portela e Verbo Assessoria, Malthus de Queiroz e Catarina Santos de Queiroz, Renato e Francisco de Assis, e a toda a equipe da Gráfica FacForm.

7 A BIBLIOTECA PÚBLICA E A MEMÓRIA GRÁFICA DE PERNAMBUCO

14 RUMO AO SÉCULO XX

28 CARICATURAS E CHARGES

42 CAPAS

62 COMPOSIÇÕES COM IMAGEM FOTOGRÁFICA

74 TIPOS E LETRAS

86 PROPAGANDAS

113 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[Fig. 01, Revista de Pernambuco, 1925]

A BIBLIOTECA PÚBLICA E A MEMÓRIA GRÁFICA DE PERNAMBUCO

Travamos os primeiros contatos com o acervo da *Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco* (BPE) durante a etapa inicial de pesquisa para o mestrado em Design da UFPE. À medida que as visitas se tornaram mais frequentes às coleções de Obras Raras, Coleção Pernambucana e de Periódicos, nos demos conta da magnitude do acervo.

Situada no bairro de Santo Amaro, a BPE cumpre papel fundamental para a identidade e memória de nosso povo. Notabiliza-se como uma das mais ricas do Brasil em edições raras, tendo um acervo estimado em 270 mil livros e 370 mil volumes de periódicos. Mantém salvaguardados jornais do início da imprensa periódica local, obras do período colonial e do império, incluindo o período holandês no estado. Sua história se inicia em 1852, como *Biblioteca Pública Provincial*. Sediada inicialmente nas dependências do Liceu Provincial, passa a se chamar *Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco* a partir da Proclamação da República. Após algumas mudanças, o projeto de sua sede atual, um marco da arquitetura moderna de Pernambuco, tem início em 1968 e em 1971 é transferida definitivamente para o atual endereço, no bairro de Santo Amaro, em frente ao Parque 13 de Maio (www.biblioteca.pe.gov.br/).

Há em seu espaço um vasto material de pesquisa. Entre livros raros e outros artefatos, encontra-se o conjunto de publicações periódicas que aqui apresentamos, onde nos deparamos com uma quantidade valiosa de elementos gráficos. Imagens cujo impacto visual nos salta aos olhos pela beleza e variedades estéticas e demonstram a importância desta produção para a cultura gráfica e artística do estado. À medida que aprofundamos o olhar, através de registros fotográficos e leituras, nos demos conta de um

cenário pujante de produções periódicas locais. Revistas de variados temas e segmentos, como as de carnaval, de cinema, de "mundanalidades" e "artes e letras". Uma parte significativa da memória do Design e das Artes Gráficas do Recife e Pernambuco guardada e, até então, praticamente desconhecida. O nosso olhar, uma vez perdido entre tanta informação, tinha agora o foco na produção de artes gráficas destas publicações.

Pernambuco: memória e tradição gráfica

Assim como em todo o Brasil, a prática gráfica em Pernambuco começou bastante tarde se comparada ao restante das colônias nas Américas. Em algumas, com mais de dois séculos de diferença. É no ano de 1808, junto com a família real portuguesa, que aporta o primeiro complexo gráfico, com máquinas tipográficas e equipamentos para gravura em metal, dedicados às demandas da chamada Imprensa Régia. No Recife, chegaria sete anos depois e somente em 1817 produziria seu primeiro impresso. Apesar de tardia, esta nova lógica de comunicação se desenvolveria de forma relativamente rápida. Há registros de que em Pernambuco, entre os anos de 1821 e 1830, foram lançadas 27 publicações periódicas, com um aumento crescente nas duas décadas seguintes, registrando 67 publicações entre 1831 e 1840, e 122 entre 1841 e 1850[1].

Junto a todo o bojo de ideias liberais que transformariam as urbes brasileiras a partir da segunda metade do século XIX, a jovem indústria gráfica pernambucana participaria ativamente do cenário urbano que se desenhava. Jornais e revistas movimentavam a ordem social, e em meio aos avanços tecnológicos para reprodução de imagens – tal como a técnica litográfica – surgiram então as chamadas revistas ilustradas. A notícia rápida e textos de fácil leitura, associados às vinhetas, às caricaturas e às demais ilustrações, faziam das revistas e jornais um importante meio de comunicação de massas. Neste novo cenário urbano, culturas profissionais como a dos mestres de ofício caminharam para seu fim, ao passo que outras surgiram com força, como aquelas ligadas às atividades da indústria gráfica. Nela, se fazia necessária uma estrutura organizacional de processos relativamente massificados, divididos em etapas de produção, e o trabalho conjunto de vários profissionais: tipógrafos, impressores, ilustradores, caricaturistas, coloristas, gravadores e clicheristas. Assim, com a crescente demanda pela produção de imagens e textos impressos, profissionais dotados de habilidades artísticas foram naturalmente sendo incorporados e principalmente formados. Passaram a empregar suas técnicas para solucionar problemas essencialmente visuais da página impressa, onde muitas vezes se estabelecia um diálogo entre o texto e a imagem.

Os artistas gráficos, como era comum chamá-los, já desenvolviam uma prática que em muito tem a ver com o que hoje atribuímos ao profissional de Design Gráfico, muito antes do início do século XX. E na imprensa periódica desenvolveram importante papel, traduzindo em imagens o comportamento de sua época e dando soluções para complexos de informação visual em diálogo com o texto. Capistas, caricaturistas, desenhistas, editores de arte, em sua maioria, tinham formação livre ou formalmente através de disciplinas artísticas como o desenho e a pintura. Na virada do século XX, a introdução dos clichês a traço e fotográficos gera uma mudança de linguagem gráfica percebida nos exemplos deste livro. O material aqui

1. (NASCIMENTO: 1969).

[Fig. 02, Revista de Pernambuco, 1925]

exposto sugere que o profissional de artes gráficas, especialmente o que lidava com as imagens e sua relação com o texto, foi qualitativamente alterado, tornando-se menos artístico e mais técnico num primeiro momento. É fácil entender esse fenômeno se lembrarmos que a relação entre texto e imagem tornou-se mais complexa, mais explícita, com a imagem vindo composta junto com o texto tipográfico de maneira mais frequente. O conhecimento necessário à produção de imagens envolvia não mais apenas a habilidade de configurá-las, mas também a de como traduzi-las de forma mecânica através de revelações e reticulagens. Contudo, também é possível perceber que, passado um primeiro momento em que os profissionais experimentam ativamente – e algumas vezes ingenuamente – as soluções que as novas técnicas possibilitam, uma certa maestria artística volta a se impor como atestam as capas e anúncios produzidos entre as décadas de 1920 e 1940.

Este é o cenário que se depreende desta pequena amostra da tradição gráfica desenvolvida em Pernambuco entre o último quarto do século XIX e a primeira metade do século XX. Uma tradição que está ainda a ser estabelecida de maneira mais completa. Especialmente com o olhar sobre a qualidade das soluções formais e suas relações com as técnicas de impressão, das relações hierárquicas dos elementos verbais e pictográficos, entre o texto e as imagens e suas funções na organização da informação. Comum a outros grandes centros urbanos brasileiros, é um caminho que aqui completará 200 anos em 2017, e, infelizmente, ainda é pouco conhecido.

Acreditamos ser necessário descobrir os anônimos, preencher as lacunas dessa linha do tempo e divulgar melhor nomes como o de José Maria de Albuquerque e Melo. Herdeiro de uma tradição gráfica familiar e fundador da *Revista do Norte* (1923), importante periódico de matérias culturais em que se revelaram o poeta/desenhista Joaquim Cardoso e o pintor/artista gráfico Manoel Bandeira, definitivamente um dos mais talentosos e prolíficos artistas gráficos entre as décadas de 1920 e 1950. Ou o de Vicente do Rego Monteiro, importante pioneiro do Modernismo brasileiro, que também trabalhou para a indústria gráfica, bem como o de Lula Cardoso Ayres, destaque nas artes plásticas, cuja atuação como designer já foi comprovada em pesquisas recentes.

Gente do quilate de Orlando da Costa Ferreira, de Gastão de Holanda ou de José Laurênio de Melo, companheiros de Aloísio Magalhães n'*O Gráfico Amador* (1954–61). O primeiro, um bibliófilo autêntico, diretor do suplemento literário do *Jornal do Commercio* em 1963, no qual manteve uma seção chamada "*Alfabeto e Imagem*", e autor do livro *Imagem e Letra: introdução à bibliologia brasileira – A imagem gravada* (1975), primeiro de uma série dedicada à história e aos processos de produção do livro. Gastão de Holanda, entre outras coisas, foi responsável pelo curso de artes gráficas da Escola de Belas Artes do Recife, o qual lançou as bases para o primeiro curso superior voltado exclusivamente à Comunicação Visual do Brasil (1972).

Tornar pública a trajetória profissional de Wilton de Souza nos chama especialmente a atenção, pois nos demonstra o quanto o universo artes plásticas/artes gráficas era um só, apesar das divisões sociais. Participante do Ateliê Coletivo, junto com seu irmão Wellington Virgolino, entre outros artistas, como Corbiniano, Abelardo da Hora e José Claudio, mas diferente dos demais, Wilton não se ateve unicamente às atividades da pintura, desenho e escultura. Enveredou por quase todas as atividades da cadeia produtiva da arte: também foi crítico, galerista, pesquisador, e atualmente trabalha como gestor.
Por consequência, também trabalhou como cenógrafo, decorador, ilustrador, capista e designer, com destaque para sua passagem pela fábrica de discos Rozenblit. Sua trajetória nos confirma o conceito de que, antes de se propor uma divisão - nem sempre muito clara - entre as práticas artísticas e o que seria o ofício do design, já existiam designers.

Além dos personagens, há a necessidade de pesquisar sobre a história das técnicas. Hoje sabemos mais sobre a tipografia e a litografia, que em Pernambuco configuraram-se como indústrias relevantes. Mas sabemos muito pouco sobre a introdução do *offset*, bem como sobre a autotipia, processo comumente chamado de *clicheria*, considerada o passo fundamental para o surgimento da atividade profissional do fotojornalista. Há também a tarefa de registrar práticas gráficas que tendem a desaparecer ou perder relevância, como vem sendo feito com as origens dos processos populares de letreiramento e sua atual transformação para os meios digitais, permitindo construir pontes entre o legado de nosso passado e as manifestações do presente.

Estes recortes sobre a memória das artes gráficas de Pernambuco, são frutos de pesquisas recentes no campo do Design. Convencionou-se chamar *Memória Gráfica Brasileira* esta linha de pesquisa, que tem como objetivo conhecer e se aprofundar nas manifestações gráficas relacionadas à memória, à paisagem urbana e suas identidades[2]. Uma das primeiras convenções derivadas destas pesquisas é a ruptura com o conceito de que a trajetória do Design no Brasil, enquanto atividade profissional, começaria somente a partir dos anos 1960. Nos chamam a atenção pela qualidade dos materiais encontrados, ao mesmo tempo que nos alertam para a quantidade ainda a ser descoberta[3], como se visualizássemos uma espécie de linha do tempo com lacunas abertas. Há já certas relações estabelecidas entre os espaços preenchidos. E à medida que completamos melhor os espaços em branco, mais encontramos perguntas.

Uma boa parte das respostas se encontra no resultado gráfico que visualizamos em capas, composições tipográficas e outros elementos componentes de um periódico. Nestas imagens, compreendemos mais sobre o valor do trabalho dos artistas gráficos. Em face do pouco tempo de produção - haja vista a periodicidade das publicações - e da pressão por atender o gosto do leitor, ficava sob sua responsabilidade o diálogo entre estéticas contemporâneas, valores culturais e o tema proposto, além de construir estruturas gráficas capazes de dialogar com o texto, dentro das limitações técnicas. No mesmo sentido, contemplamos obras que eventualmente nos saltam aos olhos pelo apuro técnico, seja pela riqueza das composições, pela beleza do traço, pelo uso inteligente das cores, ou forte expressividade. Conjunto representativo das artes gráficas locais, este grupo de imagens também nos provê de aspectos simbólicos que nos pertencem, carregam em si peculiaridades de nossa memória social, econômica e cultural.

É por este caminho que percorremos as próximas páginas. Propomos evidenciar uma parte importante da memória das artes gráficas do Estado de Pernambuco, por meio da observação da imagem. Foram selecionadas e digitalizadas manifestações gráficas em 43 títulos de periódicos, entre os anos de 1875 e 1940. Alguns destes, entre periodicidades mensais, quinzenais e semanais, tiveram vários números registrados, como a *Revista de Pernambuco*, que perdurou de 1924 a 1926. Um recorte com uma quantidade tão diversa de informações, quanto de possibilidades de abordagens. Portanto, longe de ser um olhar definitivo, propomos nestas

2. http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=01116123DOY5F9#rh

3. Para uma leitura mais aprofundada, consultar as referências bibliográficas.

120 páginas uma abordagem ampla que toca apenas a superfície, a partir do teor expressivo deste conjunto de imagens. Procuramos então apresentá-las, pontuando em legendas um pouco sobre sua importância e contexto, bem como sua origem - de qual periódico foi extraído - e ano de produção e, em alguns casos, também sua autoria (infelizmente, nem todos os trabalhos puderam ser devidamente creditados). Nos textos introdutórios, consideramos fatores como as tecnologias de impressão disponíveis (suas limitações e possibilidades de gravação). Também pontuamos dados como tendências artísticas da época e o volume de produção de periódicos. Peculiaridades de cada conjunto também são comentadas, tais como as temáticas das revistas, e a maior ou menor incidência de elementos gráficos em determinado periódico.

Desta forma, dividimos todo o conjunto em seis capítulos temáticos. Rumo ao século XX; Caricaturas e charges; Capas; Composições com imagem fotográfica; Composições com tipos móveis e letreiramentos; e Propagandas.

A opção clara de dividirmos por temas relacionados a suas funções e similaridades formais se deve à vontade de trazer à tona as potencialidades deste material. Basicamente, mostrar que ele existe. Há também certos critérios de subdivisão, próprios em cada capítulo. Estes foram naturalmente surgindo, de acordo com particularidades dos grupos. Como no caso do capítulo de propagandas, em que optamos por subdividir de acordo com o tipo de produto. Desta forma, temos a possibilidade de refletir sobre este recorte ora comparando, ora os distinguindo entre si. A propósito, o primeiro capítulo destoa um pouco desta ideia, mas não tanto, pois reflete de forma condensada a estrutura do resto do livro. Este foi um período menos explorado dentro da pesquisa, que teve maior foco nas primeiras décadas do século XX. Ao mesmo tempo, os finais do século XIX marcaram um período um tanto distinto dos demais. Tanto graficamente, como em termos de tecnologias de impressão. Apesar disto, sabe-se da existência de um número maior de publicações deste período.

De forma que já fica a sugestão para uma pesquisa mais aprofundada sobre um recorte local, anterior ao século XX. Afinal, há ainda muito material a ser descoberto. No mesmo sentido, também acreditamos, o contato com as imagens deste livro instigará futuros pesquisadores a se aprofundarem nos temas específicos. Além de termos o anseio que este objeto impresso seja um ponto de partida para que o leitor se sinta mais à vontade em visitar a BPE, a fim de conhecer mais sobre a instituição e se deleitar com seu acervo.

Sebastião Cavalcante & Silvio Barreto Campello

[Fig. 03, Revista de Pernambuco, 1925]

RUMO AO SÉCULO XX

Além de retratar um momento de nossa história, permitindo identificar costumes e modos de pensar de uma sociedade que aos poucos abandona um modelo agrário e caminha para um estágio pré-industrial, os periódicos do acervo da BPE do século XIX registram o percurso de práticas e do desenvolvimento técnico da indústria gráfica pernambucana. Através deles é possível ver uma linguagem gráfica sendo construída, com experimentações e consolidações se montando aos poucos e outras sendo abandonadas. Tome-se por exemplo a prática de composição de imagens como a que se pode observar na fig 9. Este é um design que encontra reflexos em composições com fotografias (autotipias) realizadas nos periódicos do início do século XX. Pode-se até supor, a partir dos exemplos encontrados, que, com a introdução de retículas e a facilidade maior de reproduzir fotografias impressas, essa prática se intensificou e tornou-se solução frequente para quando havia a necessidade de se trabalhar com um conjunto de fotos relativas a um mesmo evento.

Último quarto do século XIX. Primeiro trimestre de 1875. Um semanário se autointitula infernal. Em suas páginas, um humor ácido se expressa entre formas e versos, nos traços de litografias detalhadas, nos textos talvez ingênuos aos olhos de um cidadão do século XXI. Porém, certamente ingenuidade não foi a impressão dos recifenses diante da cabeça de um fauno, ostentando o ano e número da publicação em suas mandíbulas. As mudanças por que passa a sociedade brasileira e a aproximação do século XX parecem inspirar a imaginação dos redatores. A crítica aos costumes, o exercício da cidadania, os avanços tecnológicos, todos permeiam a produção do período. A busca por uma nova linguagem em uma nova forma de produzir notícias é clara.

As páginas fartamente ilustradas dos periódicos produzidos neste período revelam detalhes que atestam tanto a qualidade de seus artistas quanto um conjunto de práticas gráficas que se tornariam comuns no século XX. A primeira constatação que nos salta aos olhos é a forte presença da litografia como principal técnica de representação da realidade. Sem contar com técnicas de gravação que pudessem traduzir fotografias em matrizes para impressão, desenvolvidas ao longo daquele final de século nos países centrais e aqui chegadas somente na virada para o século XX, a litografia permaneceu a técnica por excelência para capturar a realidade. Isto implicava em uma dependência do olhar e da mão dos artistas que retratavam a essência dos personagens, mesmo quando caricaturados. É óbvia a intenção de ser ferramenta de representação, papel que vai gradativamente sendo delegado aos clichês em metal à medida que a gravação fotomecânica vai se desenvolvendo. Quanto mais se aproximam os anos 1900s, mais frequente se tornam os clichês. Primeiro na forma de gravação de artes a traço, depois com a incorporação das retículas, permitindo a transposição de fotografias para uma matriz metálica e em alto-relevo. Essa qualidade permitiu ao parque gráfico tratar textos – essencialmente compostos com tipos em metal – e imagens de uma mesma maneira, imprimindo-os ao mesmo tempo em uma única impressão, em vez da necessidade de processos distintos e tempos de impressão diferentes, como era o caso em que textos eram impressos em tipografia e imagens em litografia. Uma clara vantagem para a indústria, apesar de uma certa perda na qualidade estética em um primeiro momento.

Um segundo aspecto visível é a da articulação texto-imagem. Há claramente uma separação entre os elementos, mesmo quando realizada através da mesma técnica, como são os casos de charges em litografia com seus textos corridos abaixo da imagem. A rigor, textos escritos ou desenhados na matriz litográfica poderiam estar incorporados à área da imagem, numa linguagem mais próxima dos quadrinhos ou pôsteres. Mas isso não ocorre. Há uma espécie de barreira conceitual que não permite conceber textos e imagens como uma matéria única, mas sim como elementos de naturezas distintas. Essa barreira só parece ceder quando se tratam dos títulos dos periódicos ou em algumas raras publicidades. Nestes casos, o tratamento dos textos ganha qualidade de imagem, com grande versatilidade de formas e texturas. Este aspecto perdurará durante muitas décadas na indústria litográfica do estado, sendo visível inclusive em rótulos de bebidas produzidos pela técnica até a década de 1970.[1] Porém, esta tendência também tende a diminuir à medida que o século XX se aproxima e os clichês começam a dominar o cenário.

Ao se deparar com as coleções de periódicos da BPE, é praticamente impossível não se confrontar com estas questões. A riqueza de informações presentes no acervo permite uma leitura variada, enfatizando aspectos sob diversos olhares. O que a nós parece, quando olhamos para a produção do último quarto do século XIX, é que redatores, artistas e impressores empenhavam-se em realizar um produto de qualidade, inovador e de impacto. Todas qualidades essenciais para uma comunicação de massa, ágil e sedutora, como precisam ser ainda hoje os periódicos do século XXI.

1. Para uma compreensão mais detalhada sobre esse aspecto consultar *Imagens Comerciais de Pernambuco: ensaios sobre os efêmeros da Guaianases*. 1. ed. Recife: Néctar, 2011.

fig. 1

[Fig. 1] Detalhe da capa nº 12 *d'O Diabo a Quatro*, de 1875. Esmaecido, no canto esquerdo, podemos ver o registro da Litografia de J. E. Purcell, que faz questão de frisar a força-motriz do empreendimento: a vapor.

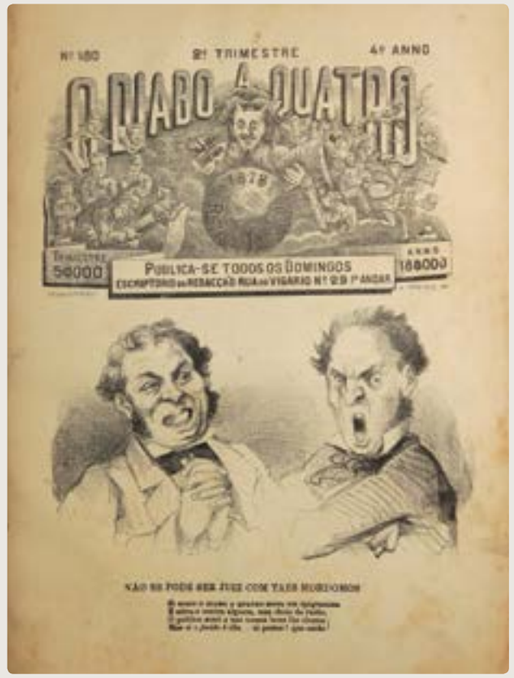
[Fig. 2] Capa *d'O Diabo a Quatro* nº 12, 1875.

[Fig. 3, (a) e (c) *O Diabo a Quatro*, nº 105, 1877, e nº 180, 1878; (b) e (d) *A Exposição*, nº 19, 1888, e nº 21, 1888; (e) e (f) *O Tamoyo*, nº 11, 1890, e nº 17, 1891.] Alguns exemplos de capas dos periódicos do século XIX. Note-se a qualidade das representações e caracterização de personagens. A importância da indústria litográfica pode ser atestada na capa d'*A Exposição* nº19, onde se vê o rol de serviços prestados.

fig. 2

fig. 3, a

b


Nº 180
2º TRIMESTRE
4º ANNO
O DIABO A QUATRO
1878
TRIMESTRE 5$000
PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS
ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO RUA DO VIGARIO Nº 29 1º ANDAR
ANNO 18$000
NÃO SE PODE SER JUIZ COM TAES MURIONOIS

c

A EXPOSIÇÃO
REVISTA CRITICA E HUMORISTICA
PERNAMBUCO

d

O TAMOYO

e

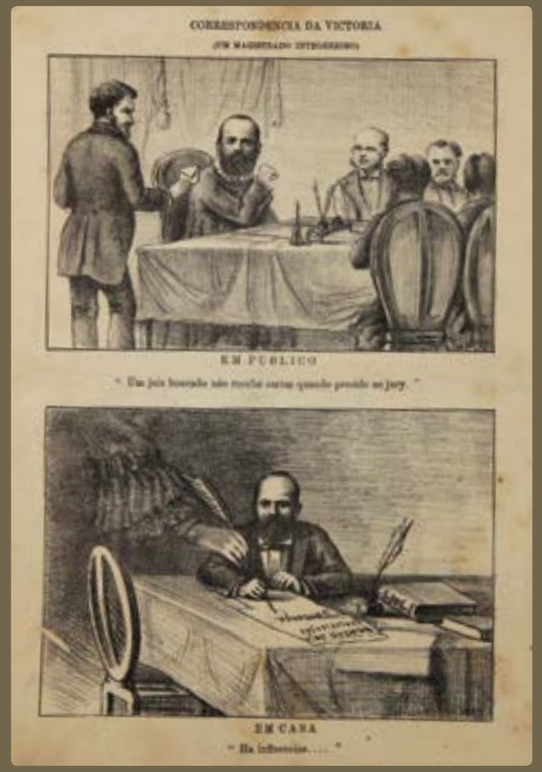
Nº 17
PERIODICO HUMORISTICO
ANNO 2º
O TAMOYO
PUBLICAÇÃO BIMENSAL
ASSIGNATURA ANNUAL
2$$
REDACÇÃO RUA DO BOQUE DE CAXIAS 38
On y sait qu'y mal il pense.

f

fig. 4, a

b

c



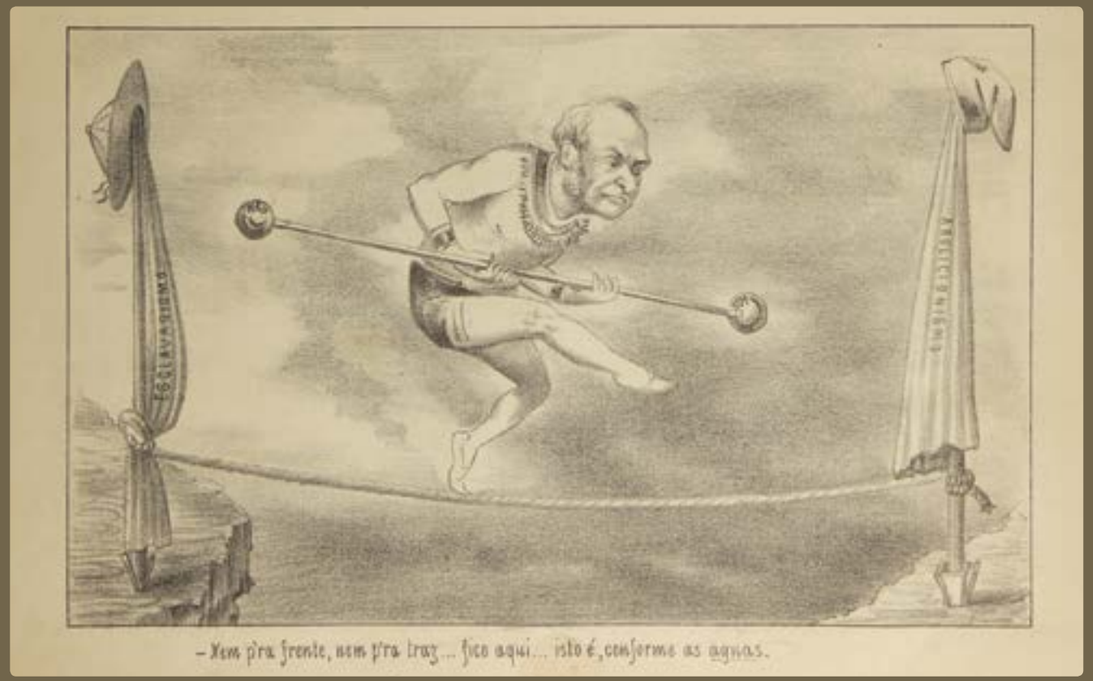
d

[Fig. 4, Charges d'*O Diabo a Quatro*] Sem contar com processos fotomecânicos na época, a litografia era usada para representar personagens reais. A caracterização em detalhes permite intuir que os representados de fato existiam, mesmo sem saber de quem se trata.

fig. 5, a

b

c



[Fig. 5, (a), (b) e (e) Detalhes de capas d'*O Diabo a Quatro* nº 12, 1875, nº 105, 1877, e nº 148, 1878; (c) e (d) Charges internas d'*A Exposição*, nº 6 e nº 4, 1887; (f) e (g) Detalhes de capas da *Revista Pernambucana*, nº 3, 1902, e nº 11, 1903] Exemplos de representações realistas de personagens reais. Note-se a mudança ocorrida entre os exemplos mais antigos e os dois mais recentes da virada do século, onde é possível identificar um tratamento fotomecânico.

d

f

e

g

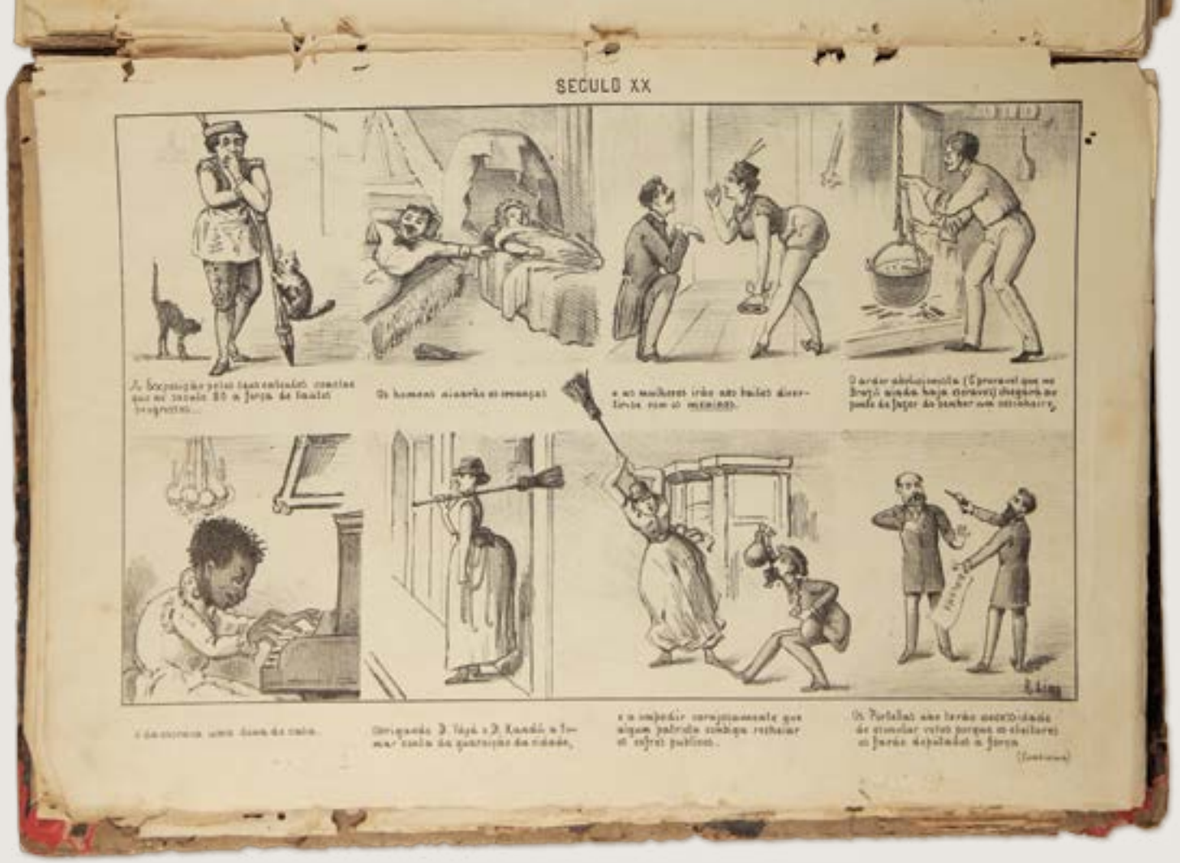


fig. 6, a

[Fig 6] Quarta capa do nº 1 (a) e página interna do nº 2 (b) d'*A Exposição*, 1887, mostrando suas previsões para o século XX. A estrutura gráfica já apresenta a ideia de quadro cênico, presente no que veio a ser conhecido como HQs, mas ainda não incorpora o tempo narrativo.

b

fig. 7

[Fig 7] Página interna do nº 152 d'*O Diabo a Quatro*. Além da crítica sintética, caracterizada simplesmente pela disputa em torno de uma questão representada na forma de alegoria, observamos uma composição composta que irá encontrar reflexos em composições fotográficas em revistas do século XX.

[Fig 9] Página dupla do nº 3 d'*A Exposição*. Aqui o conceito de tempo narrativo esboça-se na sequência de quadros das "bailarinas".

fig. 8

[Fig 10] Títulos da revista *O Diabo a Quatro*. Percebe-se que na edição nº 34 de 1876 (a) o desenho encontrado no nº 12 (Fig. 3) permanece inalterado, apenas modificado pela inclusão da data dentro do globo. Já nas edições nº 105, de 1877 (b), e nº 183, de 1879 (c), o desenho foi refeito, mantendo essencialmente o conteúdo e retirando a cabeça de fauno presente no primeiro ano.

[Fig 11] Títulos das revistas *A Exposição* (a) nº 1, 1887, *O Tamoyo* (b) nº 6, 1890 e *Revista Pernambucana* (c), nº 3, 1902. Note-se a liberdade no letreiramento dos 2 primeiros em comparação com o terceiro, executado em tipos móveis de metal. O estilo dos primeiros, bem como aqueles d'*O Diabo a Quatro*, remete ao design de rótulos de cachaça das décadas de 1940–70 em Pernambuco.

fig. 10, a

b

c

fig. 11, a

b

c

Blucher

Ilustração e Artes Gráficas

Sebastião Antunes Cavalcante Silvo Barreto Campello

ISBN: 9788521208693
Páginas: 120
Formato: 21x23 cm
Ano de Publicação: 2014
Peso: 0.600 kg

Preço: R$ 34,00

Incentivo

FUNCULTURA

FUNDARPE
FUNDAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE PERNAMBUCO

Secretaria de Cultura

PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO

www.blucher.com.br
ISBN 978-85-212-0869-3
9 788521 208693

Blucher